

A GUERRA CIVIL AMERICANA

*“Destruíamos tudo que não conseguíamos comer, roubávamos seus escravos, queimávamos seu algodão e suas fábricas descaroçadeiras, espalhávamos seu sorgo, queimávamos suas ferrovias e transformávamos tudo em um inferno geral”.*²⁸

Relato de um soldado da União, sobre a marcha do general Sherman através da Confederação.

A Guerra Civil Americana (1861/65) foi um embate entre as sociedades do Sul e do Norte dos Estados Unidos, que tinham características e objetivos divergentes.

As divergências entre elas remontavam à época da colonização, realizada pelos ingleses. Nas colônias do Norte, de clima temperado, houve uma colonização de povoamento, na qual predominavam as pequenas propriedades e o trabalho livre. Nessa região, granjeiros, industriais e comerciantes desenvolveram atividades agrícolas voltadas para o mercado interno, indústrias manufatureiras e um próspero comércio. No Sul, de clima subtropical, estabeleceu-se uma colonização de exploração, baseada na mão-de-obra escrava, na qual uma aristocracia agrária administrava grandes propriedades orientadas para a produção de matérias-primas destinadas ao mercado externo.

As diferenças regionais não impediram que as colônias se aliassem com o intuito de se libertarem do domínio inglês, o que se efetivou em 1776, com a constituição dos Estados Unidos da América. Os libertadores estabeleceram no novo país uma república federativa presidencialista, que passou a ser profundamente influenciada pela oligarquia sulista.

Após a independência, os Estados Unidos aumentaram sua prosperidade econômica e passaram a receber milhões de imigrantes. A demanda incessante destes por novas terras fez com que o governo norte-americano se empenhasse na obtenção de novos territórios, o que se concretizou por meio de guerras, compras e acordos diplomáticos. Na segunda metade do século XIX, os Estados Unidos haviam incorporado uma superfície de sete milhões e oitocentos mil quilômetros às suas possessões originais.

Nem tudo, porém, seguia em harmonia. As diferenças entre os modelos econômicos e sociais das regiões Sul e Norte acentuaram-se, e as rivalidades também.

²⁸ apud *História em revista: a arte da guerra*, 1997, p. 102.

Quando a década de 1860 chegou, a economia do Norte, sob o influxo da Revolução Industrial, se tornara muito mais próspera do que a do Sul, que permanecera agrária. Fortalecidos economicamente, os estados do Norte passaram a reivindicar maior participação nas decisões governamentais, o que não foi aceito pelos sulistas.

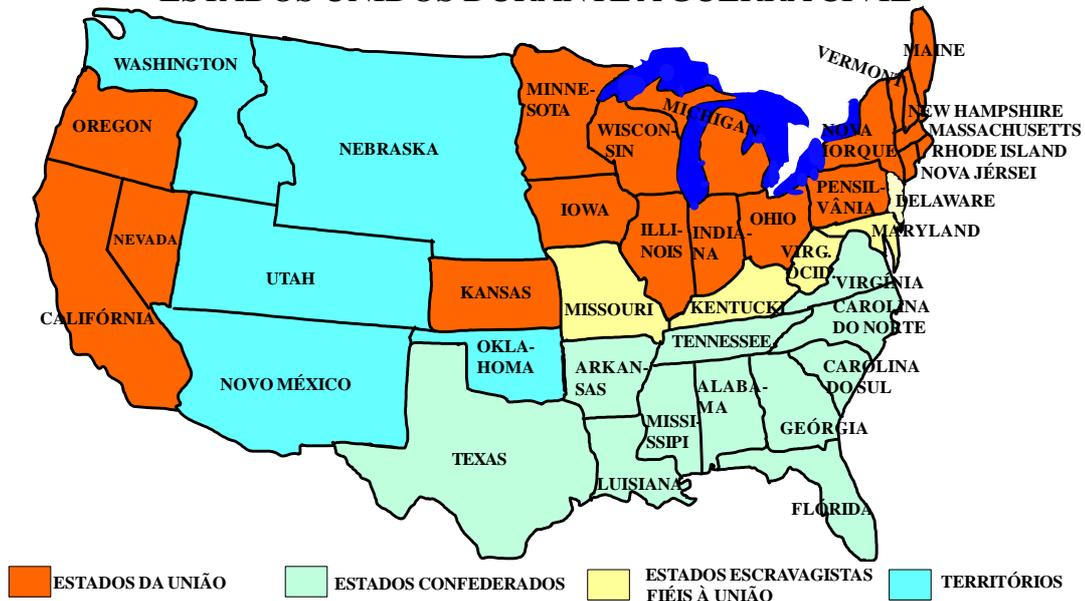
No Congresso Federal, os estados no Norte eram representados pelo Partido Republicano e os do Sul pelo Partido Democrata. Existiam dois pontos em torno dos quais havia maiores discordâncias entre sulistas e nortistas. O primeiro dizia respeito à política tarifária: os estados do Norte queriam que esta fosse protecionista, assegurando-lhes o controle do mercado interno e a proteção de suas indústrias da concorrência inglesa; os do Sul almejavam o livre comércio, pois temiam que a Inglaterra deixasse de comprar seus produtos primários, caso não pudesse exportar livremente para o mercado norte-americano. Outra questão divergente referia-se ao regime de trabalho a ser implantado nos novos estados que se formavam no oeste: os estados do Sul queriam implantar nas novas unidades federativas o trabalho escravo, pois assim teriam maior força representativa no Congresso Federal, neutralizando a crescente influência dos nortistas no governo; os do Norte almejavam implantar o trabalho livre e, assim, obter a supremacia política.

As tensões entre o Norte e o Sul chegaram ao auge na eleição presidencial de 1860. Para a indignação dos estados do Sul, o candidato republicano Abraham Lincoln, que alavancara sua carreira discursando contra a escravidão, saiu-se vencedor. Em 20 de dezembro de 1860, em resposta, o Estado da Carolina do Sul decretou sua emancipação da União, sendo seguido, pouco depois, por Mississippi, Flórida, Alabama, Geórgia, Luisiana e Texas, que, conjuntamente, formaram os Estados Confederados da América, presididos por Jefferson Davis.

Enquanto os nortistas realizavam conversações sobre o direito ou não de estados se separarem da União, os sulistas preparavam-se para a guerra. Em 12 de abril de 1861, forças confederadas bombardearam o Forte Sumter, localizado na Carolina do Sul, mas leal à União, fazendo com que a guarnição da fortificação se rendesse no dia seguinte. Tal fato encorajou os Estados da Virgínia, Arkansas, Carolina do Norte e Tennessee a se juntarem à Confederação. A cidade de Richmond, na Virgínia, foi escolhida para ser a capital dos confederados. Outros cinco Estados escravagistas, Missouri, Kentucky, Virgínia Ocidental, Maryland e Delaware permaneceram fiéis à União. Em resposta ao ataque confederado, o presidente Abraham Lincoln convocou setenta e cinco mil milicianos para fazer frente aos confederados e restabelecer a unidade norte-americana.

Diante da guerra iminente, cada qual dos futuros adversários elaborou seus planos de guerra. Os sulistas pretendiam, inicialmente, garantir a proteção de sua capital. Para isso se estabeleceriam defensivamente em uma linha da época colonial, denominada Mason-Dixon, que separava o Norte do Sul. Se fossem atacados, esperavam contra-atacar, colocando, então, os nortistas na defensiva. A estratégia inicial da União era uma

ESTADOS UNIDOS DURANTE A GUERRA CIVIL



ofensiva limitada com a finalidade de conquistar a capital confederada. Mais tarde evoluiu para um plano mais complexo, concebido para isolar, dividir e asfixiar os estados confederados, impedindo-os de ter acesso a recursos vitais. A execução deste plano exigia a abertura de três frentes: uma oriental, tendo em vista capturar a capital confederada; outra ocidental, com o objetivo de controlar a bacia do rio Mississippi; e uma meridional, destinada a bloquear os portos sulistas.

Os dois lados esperavam que a guerra fosse curta. Jefferson Davis acreditava que uma rápida vitória, preferencialmente com a conquista da capital da União (Washington), levaria os políticos do Norte a aceitarem a derrota e traria o reconhecimento internacional à Confederação (sobretudo por parte do Reino Unido e da França, grandes importadores de matérias-primas sulistas). No Norte havia uma grande pressão da imprensa, do público e de políticos para que fosse logo lançada uma ofensiva decisiva contra os sulistas. Poucos americanos tinham ciência da realidade de uma guerra. Sendo assim, tanto combatentes como civis passaram a esperar pelos combates como quem aguarda a um evento festivo.

O comando das tropas da União foi entregue ao general Winfield Scott, enquanto o general Robert E. Lee era designado para liderar os confederados. A maior parte do exército regular (que não era muito expressivo) e da marinha permaneceram fiéis à União.

Em face da pressão da população nortista, que queria uma repressão rápida aos estados rebeldes, foram destacados cerca de trinta mil voluntários da União para conquistar a capital inimiga e acabar com o conflito. Em 21 de julho de 1861, porém, as tropas da União depararam-se com uma força de aproximadamente trinta e dois mil sulistas no corte do rio Bull Run (Manassa). Nessa ocasião ocorreu a primeira grande

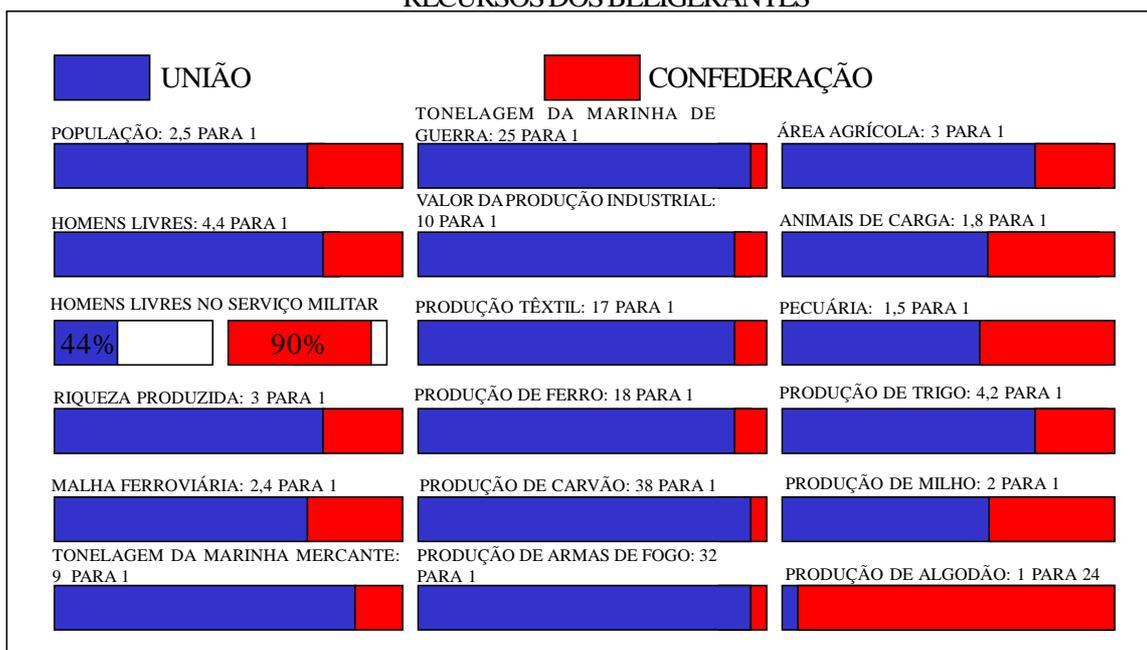
batalha da guerra, na qual os nortistas foram derrotados e obrigados a recuar em desordem. As notícias do desfecho do embate tiveram amplas repercussões. No Sul serviram para aumentar o moral e o entusiasmo da população e dos soldados, motivando-os a prosseguirem com o conflito. Na capital da União, Washington, o presidente Lincoln e seus comandantes militares perceberam que a guerra só acabaria se a resistência da população confederada fosse quebrada e o Sul ocupado, o que só se alcançaria gradativamente, demandando muito tempo.

Os contendores, então, começaram a mobilizar-se para uma longa guerra. O Norte, que tinha mais recursos, voltou suas indústrias para a produção de equipamentos e suprimentos para as suas forças armadas. Nesse ponto, levava grande vantagem sobre o sul agrário, que se via obrigado a importar muitos dos artigos necessários às suas tropas, tendo como moeda de troca matérias-primas, principalmente algodão.

As populações também se mobilizaram. O presidente Lincoln mandou que fossem alistados soldados. Prontamente, voluntariamente, milhares de combatentes se apresentaram, com o intuito maior de preservar a União. Enquanto isso, também milhares de sulistas incorporavam-se às tropas confederadas, com o objetivo de preservar sua sociedade e defender, como diziam, suas famílias e lares. Todavia, quando o conflito se intensificou e deu mostras que seria longo, o número de voluntários escasseou e as deserções começaram. Isso obrigou os beligerantes, no ano de 1862, a partirem para a conscrição (alistamento obrigatório de todos os cidadãos aptos para o serviço militar).

Durante a guerra, o exército do Norte contou com aproximadamente dois milhões e duzentos mil homens. Pelo sul combateram cerca de oitocentos mil. Esses grandes efetivos foram grupados em regimentos. Normalmente três deles, juntamente

RECURSOS DOS BELIGERANTES



Fonte: Atlas da história do mundo. São Paulo: Time Books/Folha de São Paulo, 1995, p. 219.

com unidades de cavalaria, artilharia e serviços, formavam as brigadas, que constituíam divisões, que davam origem, por sua vez, aos corpos de exército.

O treinamento recebido pelos recrutas era improvisado e sumário. Os futuros combatentes, normalmente realizavam exercícios de tiro e aprendiam os movimentos conjuntos básicos que fariam com suas frações por ocasião da batalha.

No início, tanto de um lado como do outro, existia uma grande escassez de comandantes para o enorme número de soldados arregimentados. Para preencher os claros, ao pequeno número de oficiais formados na Academia Militar de West Point (a maioria incorporou-se nas tropas confederadas), juntaram-se indivíduos de posses ou de prestígio, que recebiam o comissionamento no posto de coronel ou eram eleitos para comandar regimentos.

Os beligerantes esforçaram-se ao máximo para proporcionar às suas forças os meios militares mais avançados tecnologicamente. Desse modo, no conflito, foram utilizados telégrafos, para aumentar a rapidez do fluxo de informações a grandes distâncias; observatórios artificiais, como balões, para a observação de posições inimigas e condução de fogos de artilharia; e ferrovias, que permitiram rápidos deslocamentos de tropas, equipamentos e suprimentos. Houve, também, preocupação em dotar-se as tropas com as melhores armas de fogo. Os principais fuzis utilizados pelos soldados de infantaria eram o Springfield e o Enfield (ambos de antecarga, com alcance útil de quinhentos metros). Os cavaleiros utilizaram uma arma inovadora: carabinas retrocarga. Os artilheiros, por sua vez, fizeram uso de canhões de alma lisa e raiada, com alcance variável de trezentos a quatro mil metros, que lançavam projéteis maciços, metralha e “shrapnel”. Primitivas metralhadoras foram desenvolvidas, mas não chegaram a ser empregadas em combate durante a guerra.

A GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA

À medida que a Guerra Civil Americana caminhava para seu desfecho, iniciava-se, na América do Sul, um sangrento conflito no qual o Brasil, a Argentina e o Uruguai se aliaram para enfrentar o Paraguai. Questões fronteiriças e de navegação foram as razões principais do embate. Em 1865, os paraguaios iniciaram a guerra, lançando ofensivas sobre o Rio Grande do Sul e Mato Grosso (províncias brasileiras). Os ataques paraguaios foram detidos no mesmo ano, iniciando-se, em seguida, uma contraofensiva aliada que se estenderia por cinco anos. A guerra foi similar à Civil Americana em muitos aspectos, principalmente se forem levados em conta os processos de combate, os equipamentos e os armamentos empregados. Destacou-se no conflito Luís Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias), comandante brasileiro, que levou as tropas aliadas à vitória. A morte de Solano Lopes, “presidente” paraguaio, em 1870, encerrou o conflito. Estima-se que o número de mortos em decorrência da guerra possa ter chegado a duzentos mil, dos quais cerca de 71 mil aliados (50 mil brasileiros, 18 mil argentinos e 3 mil uruguaios).

Ao mesmo tempo em que fracassavam em Bull Run, os nortistas não tiveram melhores resultados na frente meridional, pois, mesmo contando com uma grande superioridade naval, não conseguiam bloquear os 5.635 quilômetros da costa inimiga. Os confederados, demonstrando enorme tenacidade, furtivamente romperam o cerco imposto pelo adversário, trazendo do exterior, muitos suprimentos indispensáveis ao Sul. Além disso, os sulistas, construindo ou comprando navios, conseguiram estru-

APRIMORAMENTO NOS ARMAMENTOS

CARABINA RETROCARGA

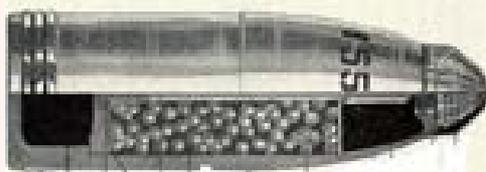
CARABINA SMITH



Até meados do século XIX só existiam armas de fogo com carregamento antecarga. Por esse sistema, para preparar a arma para o disparo, o soldado, em pé, colocava o projétil e a pólvora pela “boca” do cano com auxílio de uma vareta. Tal processo era muito demorado e deixava os combatentes expostos aos fogos inimigos. Na Guerra Civil Americana foram empregadas, principalmente pela cavalaria, carabinas (1) com carregamento retrocarga. Pelo novo processo, um cartucho (2) era inserido pela culatra da arma, que era aberta (3) por meio de uma alavanca. A cauda do cartucho era perfurada para permitir que a pólvora fosse inflamada quando a espoleta fosse detonada. Fechada a culatra da arma (4), o carregamento estava pronto. O novo processo permitia que as armas fossem carregadas de maneira mais rápida, mesmo estando o atirador na posição deitada. As carabinas retrocarga tinham alguns inconvenientes: possuíam menor alcance que os tradicionais fuzis antecarga e tinham elevado preço.

SHRAPNEL

SHRAPNEL DO FINAL SÉCULO XIX



No final do século XVIII, o oficial inglês Henry Shrapnel desenvolveu um projétil de artilharia inovador, que seria constantemente aperfeiçoado. Shrapnel, em vez de colocar somente pólvora nas granadas explosivas, inseriu também esferas metálicas e uma espoleta de tempo. Com tais dispositivos, as granadas podiam ser ajustadas para explodir em cima das tropas inimigas, causando grande número de baixas.

turar uma força naval que, mesmo sendo bastante inferior à do adversário, foi capaz de causar elevadas perdas à marinha inimiga. Nesse esforço, criaram um submarino rudimentar, o Hunley, que, em fevereiro de 1864, pôs a pique uma chalupa inimiga, antes de afundar por razões desconhecidas. Também transformaram o vapor Merrimac em um navio couraçado, revestindo seu casco de madeira com ferro, o que obrigou os nortistas a construir o couraçado Monitor. Os dois couraçados chegaram a se enfrentar, mas não houve um vencedor.

Na frente oriental, os nortistas saíram-se melhor. Venceram a sangrenta batalha travada em Shiloh e, mesmo sofrendo alguns reveses, terminaram o ano de 1861 controlando a maior parte dos Estados do Missouri, Kentucky e Tennessee.

Na primavera do ano seguinte, na frente oriental, o general nortista George B. McClellan, que substituíra o general Winfield Scott, organizou um exército de cerca de cento e setenta e cinco mil homens, tendo como objetivo principal conquistar a capital inimiga. Ciente dessa ameaça, o general Lee antecipou-se ao ataque nortista tomando a iniciativa das ações. Após diversos e sangrentos combates, as tropas sulistas, mesmo em inferioridade numérica, conseguiram deter, por meio de hábeis manobras em linhas interiores, o avanço nortista, resguardando Richmond.

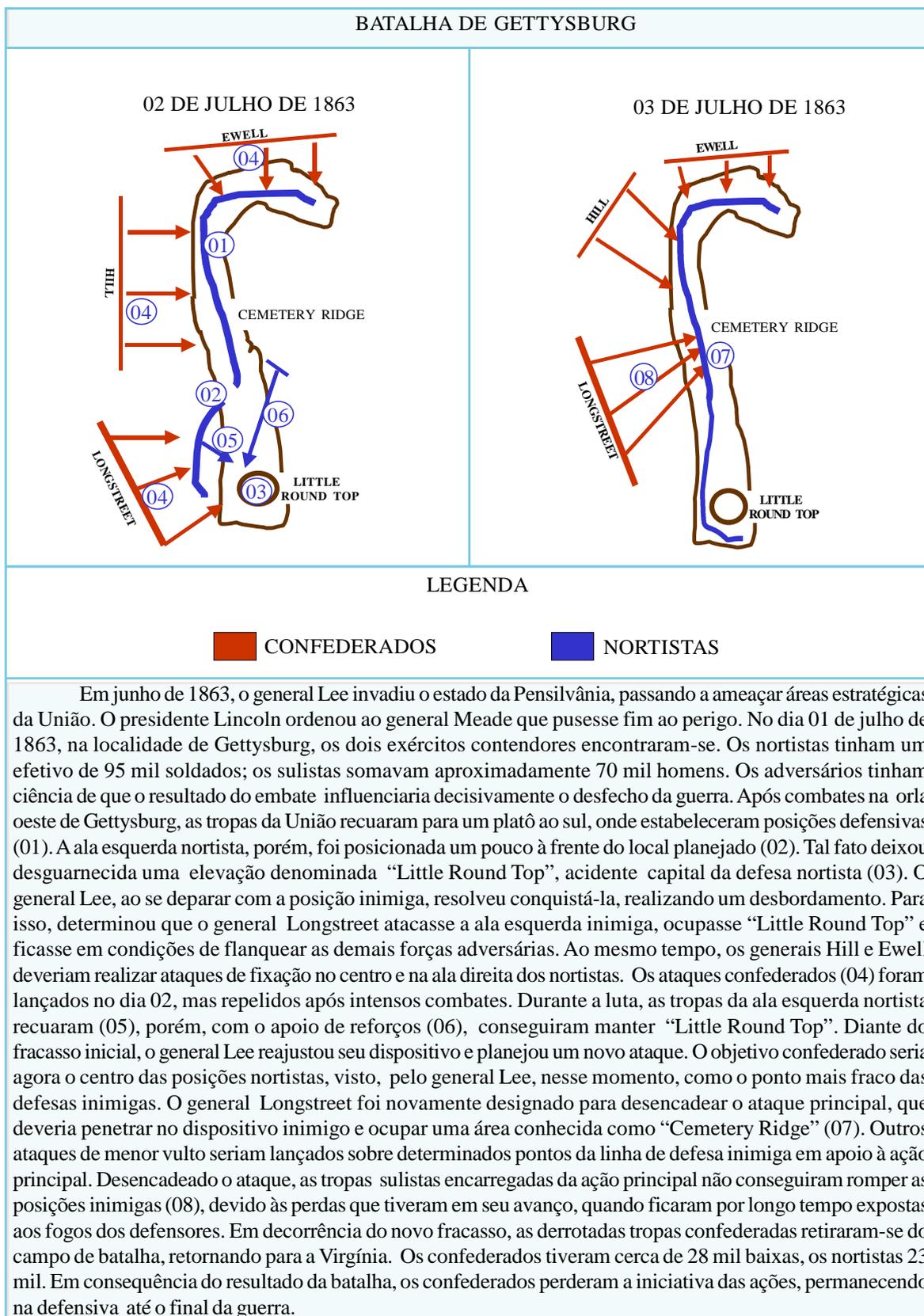
Tentando diminuir a pressão a que estava submetida a Confederação, em setembro de 1862, tropas do general Lee avançaram sobre o território inimigo. Os sulistas estacionaram no estado de Maryland, nas proximidades da cidade de Washington. O presidente Lincoln ordenou ao general McClellan que pusesse fim ao risco a que estava submetida a capital da União. Ocorreu, então, em 17 de setembro de 1862 (considerado o dia mais sangrento da história dos Estados Unidos), a Batalha de Antietam. No embate, que terminou em um impasse, cada um dos lados teve cerca de vinte e seis mil baixas. O general Lee, após o confronto, considerou ser mais conveniente retornar com suas tropas para a Virgínia. As forças no norte não perseguiram o inimigo que se retirava, o que custou ao general McClellan o posto de comando.

Em junho de 1863, após repelir outra ofensiva nortista sobre a Virgínia, o general Lee voltou a penetrar em território inimigo. Estacionou no estado da Pensilvânia, de onde passou novamente a ameaçar Washington e, agora, também a Filadélfia. Desta vez, o comandante sulista sofreu uma grande derrota na batalha de Gettysburg, sendo obrigado a recuar para o sul.

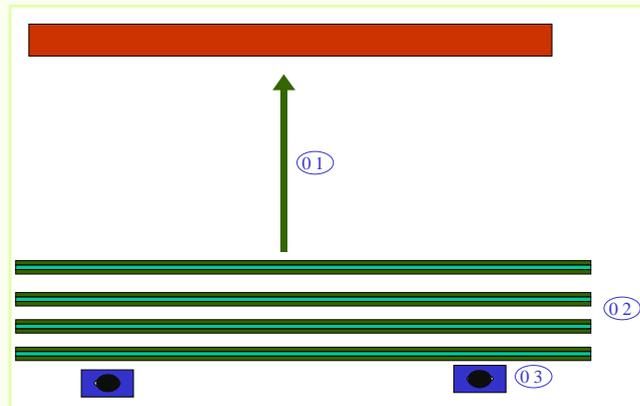
O fracasso em Gettysburg não foi o único fato lamentado pelos confederados em 1863. Em julho deste ano, na frente ocidental, após muitos combates, os nortistas conquistaram a fortaleza de Vicksburg, o que lhes garantiu o controle da bacia do Mississippi e dividiu a Confederação em duas partes.

Na frente meridional, o bloqueio naval dos nortistas ganhou, aos poucos, em eficácia, tendo estes ocupado os principais portos inimigos. No final da guerra, cerca de quinhentos navios da Marinha da União patrulhavam a costa inimiga, capturando por volta da metade dos navios que tentavam furar o bloqueio.

BATALHA DE GETTYSBURG



FORMA USUAL DE COMBATE DOS BELIGERANTES



No início da guerra, os comandantes lançavam ataques frontais contra o inimigo (01). Nesses ataques, os soldados avançavam ombro a ombro, em um mesmo ritmo e em linhas sucessivas (02), para fazer uso ao máximo do poder de fogo. As linhas da retaguarda tinham a missão de manter a impulsão do ataque. Para o sucesso da ofensiva, era essencial que as tropas estivessem impregnadas de um moral elevado, pois, em seu avanço, os soldados ficavam expostos por bastante tempo às armas inimigas de longo alcance, o que invariavelmente resultava em um grande número de baixas ao atacante. Para se protegerem do fogo inimigo, as tropas que estavam na defensiva começaram a se entrincheirar, e as que estavam na ofensiva a se aferrar ao terreno. Tentou-se também avançar por meio de lanços, ou seja, alternadamente metade dos homens avançava até determinada linha, enquanto os demais, deitados, mantinham o inimigo engajado pelo fogo. Tal manobra não teve bons resultados, pois os soldados tinham dificuldade em carregar seus fuzis antecarga, estando na posição deitada. Com o passar do tempo, os comandantes procuraram evitar os ataques frontais, passando a optar por manobras mais flexíveis, como as de desbordamento e infiltração. A artilharia era mantida a uma distância que não a deixasse exposta ao fogo dos fuzis inimigos (03). Isso fazia com que normalmente proporcionasse um apoio de fogo pouco eficaz à infantaria. Os cavaleiros sofriam grande número de baixas, se lançados frontalmente contra infantaria que ocupassem posições defensivas bem organizadas, pois, durante as cargas, ficavam muito vulneráveis aos fogos do inimigo. Em consequência, a cavalaria acabou empregada, primordialmente, na realização de reconhecimento e segurança.

Ainda em 1863, Lincoln proclamou que todos os escravos do sul seriam libertados à medida que as tropas do Norte assumissem o controle dos territórios inimigos. Unindo seu objetivo primordial, a integridade da União, à questão da abolição da escravidão, o presidente da União conseguiu transformar a guerra civil em uma luta de libertação. Tal fato evitou que a Inglaterra, devido a suas leis antiescravagistas, intervisse em favor dos confederados.

Não obstante, a guerra continuava, e o moral dos confederados não dava sinais de arrefecer. Os líderes da União perceberam que para vencer a guerra precisariam radicalizar suas ações, atingindo também os não combatentes sulistas.

Em março de 1864, Lincoln designou o general Ulysses S. Grant para o comando das forças da União. O novo comandante ordenou mais um ataque à capital confederada. Suas tropas invadiram a Virgínia, onde, numa longa campanha de desgaste (maio de 1864 a abril de 1865), marcada pelo grande número de baixas de ambos os lados, obrigaram o general Lee a estabelecer linhas defensivas em torno de Richmond.

Paralelamente, o general da União Willian Sherman liderou uma força de invasão que, do Tennessee, penetrou no território confederado até a Geórgia, de onde, em seguida, avançou para a Virgínia. No caminho, os soldados nortistas aterrorizaram a população e destruíram, em um raio de oitenta quilômetros, tudo o que pudesse ser utilizado no esforço de guerra inimigo (fazendas, estradas e cidades). Além disso, o general

SOLDADO DA UNIÃO



SOLDADO CONFEDERADO



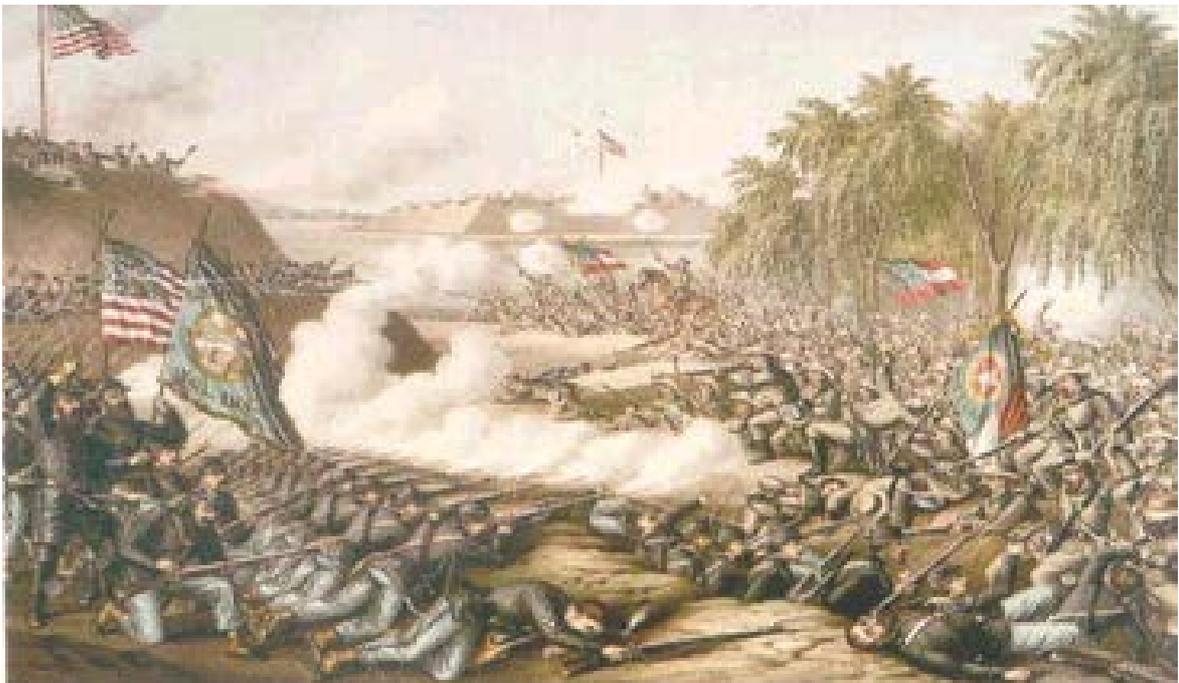
LESTE DOS ESTADOS UNIDOS
PRINCIPAIS CIDADES E BATALHAS



Sherman, em sua ofensiva, cortou as principais conexões férreas inimigas, de Chattanooga até Savannah, fragmentando o território confederado em áreas que não tinham autossuficiência, o que solapou, ainda mais, a já cambaleante economia sulista. Com sua capital assediada, com suas forças militares incapazes de fazer frente aos avanços dos nordestas sobre o território confederado e com falta de todos os tipos de suprimentos, o moral das tropas e da população sulista começou a se esfacelar.

No início de 1865, iniciaram-se conversações de paz. Em abril, o general Lee e suas forças viram-se forçados a abandonar a capital confederada. Ele seguiu para Appomattox, onde, em 9 de abril de 1865, rendeu-se às tropas do general Grant. Pouco tempo depois, os demais contingentes do sul fizeram o mesmo.

BATALHA DE CORINTH (MISSISSIPI, 1862)



A Guerra Civil Americana foi um conflito total, no qual ambos os lados utilizaram ao máximo suas potencialidades e as mais variadas estratégias para chegar à vitória, que deveria ser absoluta. As atrocidades cometidas e a devastação sistemática, realizadas pelas tropas comandadas pelo general Sherman em sua marcha pelo sul, quando não se poupou nem mesmo a população civil, demonstram o grau de engajamento do Norte em torno de seu objetivo de manter a integridade dos Estados Unidos.

A vitória final dos estados do Norte, após uma longa guerra, deveu-se principalmente a sua maior disponibilidade de recursos, o que lhes permitiu desgastar o inimigo. Ao longo da guerra, os nortistas tiveram cerca de seiscentas e trinta mil baixas, enquanto os confederados, aproximadamente trezentas e oitenta mil. Dois terços das mortes dos soldados deveram-se a doenças causadas pelas péssimas condições a que eram submetidos os combatentes. Além disso, milhares de civis morreram em consequência da guerra.

Após a guerra, os estados do Norte impuseram sua hegemonia, unificaram o mercado interno e removeram os obstáculos ao crescimento do capitalismo, passando os norte-americanos a vivenciar um processo de desenvolvimento que tornaria seu país a maior potência capitalista do mundo, cinquenta anos depois.

Enquanto ocorriam as batalhas na América do Norte, na Europa, líderes germânicos trabalhavam em torno de um processo para unificar os estados alemães, que atingiria seu clímax por ocasião da Guerra Franco-Prussiana.